

AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA: O PAPEL DA GU E DA L1

Gildete Rocha Xavier*
(Uesb)

RESUMO:

O acesso à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2) tem sido um tema de grande relevância nos estudos Gerativistas nos últimos trinta anos (White, 1989; Eubank 1991; Epstein et al. 1996). Uma visão contrária é encontrada em Clahsen e Muysken (1996) que defendem a Hipótese do Acesso Nulo. Na presente pesquisa, defendemos o acesso à GU por adultos estrangeiros aprendizes do português brasileiro como L2, mas, ao contrário do que postulam Epstein et al (1996) com a Hipótese do Acesso Total, mostramos que o aprendiz de L2 pode ter acesso à GU também através da sua L1.

PALAVRAS-CHAVE: teoria gerativa, gramática universal, aquisição da linguagem, segunda língua, sujeito nulo.

INTRODUÇÃO

No presente estudo, apresentamos resultados de pesquisa que poderão comprovar que o processo de aquisição de segunda língua é constrangido pelos princípios da GU. A partir da análise do sujeito nulo encontrado nos dados de um falante de inglês e um falante de italiano aprendendo português brasileiro (PB) como segunda língua, mostramos que os estágios iniciais de aquisição do PB como L2 apresentam determinados fatos que comprovam que a GU encontra-se disponível para aprendizes de segunda língua. Isso, entretanto, não significa dizer que a língua materna não possa ter alguma influência no processo de aquisição de uma L2. Ao contrário do que postulam Epstein et al (1996) com a Hipótese do Acesso Total, mostramos que o aprendiz de uma L2 pode ter acesso à GU também através da sua L1, pelo menos nos estágios iniciais

* Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora de Inglês na Universidade Estadual de Feira de Santana/BA. E-mail: gildete.xavier@uol.com.br.

do processo de aquisição, fase em que o aprendiz utiliza determinadas estruturas da sua língua materna como, por exemplo, a “colocação de clíticos” encontrada nos dados do falante de italiano.

Esse fato parece poder comprovar, portanto, a influência da língua materna, na aquisição de uma segunda língua, o que não significa dizer, entretanto, que a GU não esteja presente quando da aquisição de uma L2.

A abordagem gerativista que, como sabemos, compreende o trabalho de Chomsky e seus seguidores, assume que os falantes de uma língua possuem uma gramática interna que gera, de forma produtiva, as sentenças dessa língua. A partir dessa perspectiva, a habilidade para a construção dessas gramáticas deriva de uma faculdade inata para a linguagem em cujo núcleo--conhecido como Gramática Universal--encontram-se os princípios responsáveis por determinar a forma que as gramáticas podem tomar.

A teoria gerativa assume a visão inatista de que a linguagem é geneticamente programada e se desenvolve na criança de acordo com um programa rígido e num curto período de tempo, na presença de qualquer língua humana dada como input. Sabendo-se que as línguas humanas compartilham muitas características essenciais e que são constrangidas por princípios universais, ficaria explicada a aquisição de L1. Nesse sentido, tem sido assumido que a Gramática Universal é responsável por guiar a aquisição de L1.

A questão do acesso/não acesso à GU por aprendizes de L2 tem se constituído num assunto de grande interesse para os estudos gerativistas (FLYNN, 1987; WHITE, 1989; EUBANK, 1991; EPSTEIN et al., 1996, entre outros). Por exemplo, explicar o que faz com que falantes de segunda língua sejam capazes de construir gramáticas internas tem se constituído num dos principais tópicos de pesquisa para aqueles estudiosos interessados em compreender como as pessoas adquirem a sintaxe de uma segunda língua, ou seja, quais mecanismos ou dispositivos o cérebro humano disponibiliza para a tarefa de construção das gramáticas de L2.

Muitos pesquisadores na área de aquisição de L2 têm defendido que o conhecimento da gramática de L2 que os falantes desenvolvem vai além das propriedades presentes tanto no input da língua alvo, quanto na L1 dos aprendizes, e isso constitui o problema lógico da aquisição de segunda língua: como falantes de L2 podem saber o que sabem com base em amostras fragmentadas de linguagem (GREGG, 1996; WHITE, 1989)? Por exemplo, a habilidade que falantes de L2 têm para produzir e compreender sentenças nunca antes encontradas, a habilidade em distinguir sentenças gramaticais de sentenças não-gramaticais e a construção, de forma sistemática, de representações inexistentes tanto na L2 quanto na L1, mas que podem ser encontradas em outras línguas humanas, todas essas habilidades constituem o conhecimento gramatical para o qual o input da L2 ou a L1 fornece pouca ou nenhuma evidência.

Através do trabalho de Chomsky (1981, 1986, 1995) sobre a natureza das gramáticas de falantes nativos adultos, pesquisadores de segunda língua passaram a contar com uma abordagem sofisticada de aquisição de linguagem para entender os mecanismos que estão por trás da habilidade do ser humano de construir gramáticas internas. Nessa abordagem, as gramáticas das línguas humanas são construídas num mesmo padrão, ou seja, existe uma Gramática Universal que subjaz às gramáticas particulares de línguas específicas.

Os estudos sobre aquisição de segunda língua (L2) ganharam impulso nos últimos 40 anos, a partir da proposta de Corder (1967), que, contra a visão da Análise Contrastiva, afirmou ser o processo de aquisição de L2 semelhante ao processo de aquisição de primeira língua.

Por outro lado, muitos estudos advogam a ideia de que a aquisição de L2 e de L1 são processos distintos. A Hipótese do Período Crítico (LENNEBERG, 1967) tem sido frequentemente mencionada na literatura para explicar a diferença entre a aquisição de primeira e segunda língua.

A partir dos anos 80, o modelo conhecido como Teoria dos Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1982, 1986) passou a fornecer subsídios a muitos estudiosos interessados em pesquisas sobre primeira e segunda

línguas. Com base nessa teoria, vários trabalhos sobre a aquisição de segunda língua foram desenvolvidos com o objetivo de estabelecer se um adulto adquirindo uma L2 teria acesso à GU ou não, se haveria “transferência” de valores paramétricos da língua materna para a língua alvo ou não.

Muitos trabalhos assumem a acessibilidade de GU e pesquisam como os parâmetros são fixados (WHITE, 1985; FLYNN, 1987; VAINIKKA, YOUNG-SCHOLTEN, 1996; SCHWARTZ, SPROUSE, 1996; EUBANK 1991; EPSTEIN et al. 1996, entre outros). Outros trabalhos, no entanto, defendem a Hipótese do Acesso Nulo e argumentam que GU não é acessível ao aprendiz de L2 após o Período Crítico para a aquisição de língua, ou seja, o aprendiz só teria acesso à GU que está aparente em sua língua nativa, mas não teria acesso aos princípios universais (por exemplo, SCHACHTER, 1989; BLEY-VROMAN, 1989; CLAHSSEN, MUYSKEN, 1996).

Bley-Vroman (1989) argumenta que o adulto aprendiz de L2 não tem acesso a GU. Afirma que há diferenças na aquisição de L2 e L1, pois o Dispositivo de Aquisição de Língua (“language acquisition device”, LAD, cf. Chomsky, 1981) não é mais operante. A aquisição se dá através do conhecimento da L1 e também de estratégias de resolução de problemas.

Para Schachter (1989), a aquisição de L2 é um tipo de aprendizagem cognitiva apenas, ou seja, não há acesso à GU. Ela diz que adultos aprendizes de L2 nunca serão falantes “nativos” de L2.

Para Clahsen & Muysken (1996) o processo de aprendizagem de uma L2 não seria determinado por GU, mas por outros mecanismos que são responsáveis por qualquer outro tipo de aprendizagem humana. Isso acontece, segundo os defensores dessa proposta, porque os aprendizes de L2 perderam as opções paramétricas que não são instanciadas em sua língua nativa.

Ao contrário do que sugere a Hipótese do Acesso Nulo, a Hipótese do Acesso Total apresentada em Epstein et al (1996) postula que da mesma forma que os princípios e parâmetros estão disponíveis para a aquisição de L1, também estão disponíveis para o aprendiz de L2. Embora

concordem com o fato de que há diferenças entre os processos de aquisição de L1 e L2, os proponentes dessa hipótese afirmam que essas diferenças não estão relacionadas ao não-acesso à GU. Ou seja, mesmo que haja diferença entre a gramática da L1 e da L2 no que se refere à instanciação de parâmetros, os aprendizes de L2, durante o processo de construção da sua nova gramática, são capazes de atribuir novos valores aos parâmetros cujos valores são diferentes dos da sua L1.

Os dados que compõem os corpora desta pesquisa foram obtidos a partir da produção oral espontânea de dois sujeitos (falante de italiano e falante de inglês), em 4 sessões semanais de gravação realizadas por mim. O falante nativo de italiano (FIt.) é adulto e possui terceiro grau completo. Trabalhou numa universidade brasileira como professor leitor, onde dava aulas de língua e literatura italiana. Morava só e, portanto, não tinha muito contato com a língua alvo. A falante de inglês (FIn.) tem vinte anos de idade e é universitária. Ficou apenas oito semanas no Brasil. Morou em casa de família brasileira, e estudou português em uma escola especializada para estrangeiros.

Analisando as instâncias de sujeitos nulos encontrados nos dados de (FIt.) e de (FIn.), encontramos evidências que comprovam que o acesso à GU encontra-se disponível para aprendizes de segunda língua. O sujeito nulo presente em estruturas com forma verbal não-marcada de terceira pessoa vem confirmar a hipótese do acesso à GU.

Segundo Kato (1995), a criança, em fase inicial de aquisição de língua materna usa nomes próprios para as três pessoas do discurso, no lugar dos pronomes pessoais. Como os nomes próprios são todos terceira pessoa do singular, se a criança usa a mesma forma gramatical de terceira pessoa não-marcada para todos os referentes do discurso, ela tem uma gramática default com apenas a terceira pessoa.

Esse parece ser o caso do (FIt.) e da (FIn.), exceto pelo fato de eles não usarem nomes próprios da mesma forma que a criança, mas pronomes nulos ou expressos.

Sujeitos de verbos não-marcados em pessoa com referência de 1ª pessoa

(1) Eu abrei a conto na na Sudameris onde cv era quando a senhorita ligou você. (FIt.s2)

(2) P: Você falou de Santo Antônio, você tem santo de devoção?

I: Não. Quando quando cv tem medo, prego. Ma, non, non. (FIt.s3)

(3) P: E você aprendeu francês lá na Suíça.

I: A Suisse e a escola quando eu mora a Tenessi. A escola eu aprende francês para continue. Mas para dois anos cv não aprende francês. (FIn.s1)

(4) I: Ah... eu foi a fest, eh... cv dança e cv escuta de música. (FIn.s2)

Para esse tipo de sujeito foram encontrados nos dados da (FIn.) apenas 6 casos de sujeitos nulos contra 60 casos de sujeitos preenchidos.

Respostas a perguntas sim/não

Kato e Tarallo (1992) mostram que os padrões sintáticos das respostas curtas são um lugar de “trigger” para a aquisição, pois mostram, entre outras coisas, se a língua é de sujeito nulo ou não, se é de objeto nulo ou não. Assim, no que se refere às respostas curtas do inglês a presença do pronome sujeito é categórica. O italiano apresenta sujeito elíptico, mas exige a presença do clítico objeto. No português do Brasil, o pronome sujeito pode estar presente, mas o objeto, na maioria das vezes, encontra-se ausente.

Kato (1995b), estudando a aquisição de respostas curtas no PB, mostra que na fala da criança, a flexão finita aparece primeiramente em contextos de respostas curtas. As primeiras ocorrências de verbos finitos, entretanto, apresentam violação de concordância e apresentam sujeito

nulo, exceto nos casos em que a repetição da forma verbal encontrada na pergunta esteja de acordo com a resposta esperada.

Respostas curtas c/violação de concordância

(5) P: Você gosta de barulho?

I: Não, eu não gosta barulho. (FIt.s1)

(6) P: Quando você está em casa você tem contato com outras pessoas? Fala português?

I: Non. cv Não fala. (FIt.s2)

(7) P: As pessoas falam que o baiano é devagar demais. Você concorda ou você não percebeu isso?

I: Não, cv Não percebeu. (FIt.s4)

(8) P: Não gostou muito?

I: Não, eu gostou mas não muito coisas. (FIn.s3)

(9) P: E ontem, você dormiu e não saiu à noite?

I: Não. cv dormiu tudo, tudo dia e tudo/ (FIn.s3)

Na primeira sessão de gravação, a (FIn.) usa apenas as partículas sim--para respostas afirmativas--e não--para responder negativamente, ou seja, não há um único contexto que ateste a presença de verbo, que só passa a aparecer a partir da segunda sessão. Nas respostas com verbo, entretanto, ela repete a forma verbal encontrada na pergunta, não havendo um único caso de alternância de pessoa, isto é, terceira pessoa verbal na pergunta e primeira pessoa verbal na resposta.

Kato observou ainda que uma segunda fase de aquisição é aquela em que a criança usa a primeira pessoa em respostas a perguntas feitas em terceira.

Os dados do (FIt.) apresentam também essa segunda fase, mas somente a partir da 5ª sessão de gravação.

Respostas curtas – sem violação de concordância

- (10) P: Mas, você gosta?
I: Provavelmente, eu gosto (FIt.s5)
- (11) P: Então, você não quer ganhar mais dinheiro?
I: Non. cv Non quero mais dinheiro. (FIt. s7)
- (12) P: Deixou na xérox?
I: cv Deixei dois livros. (FIt. s7)
- (13) P: Ah, você não conseguiu mandar o artigo pra mim?
I: Não. cv Não consegui. (FIt. s8)

O papel da L1

O italiano é uma língua que possui um sistema rico de clíticos. Existem duas possibilidades para a posição que um pronome clítico pode ocupar nessa língua: o pronome pode aparecer em posição pré-verbal (próclise) quando a forma verbal com a qual o pronome ocorre é finita, ou pós-verbal (ênclise) quando a forma verbal encontra-se num tempo não-finito (infinitivo, gerúndio e participípio), e na forma verbal imperativa.

Os exemplos (16 a 21) abaixo mostram que o (FIt.) transfere para o PB, língua que apresenta um sistema empobrecido de clíticos, os clíticos da sua língua nativa.

Colocação de clíticos

- (14) Conhece professor M., G.? Me está entrevistando. Sou já famoso.
- (15) P: Então, na Europa toda já está se usando só o euro.
I: Se está usando só o euro.
- (16) Os mídia o apojam, apojare, ajudam, eh?
- (17) Ma a caixa-eletrônico acabou de dar-me dinheiro
- (18) Você precisa ser sessenta anos para aposentar-se.
- (19) O sofá. Ele deveria abrir antes de mostrar-lo às clientes.

(20) É meu problema. Estou sempre perguntando-me que eu que faço aqui.

(21) Diga-me o endereço um outra vez.

CONCLUSÕES

O uso do nulo com a forma indistinta de terceira pessoa não-marcada usada para a primeira pessoa do discurso mostra que tanto o (FIt.) quanto a (FIn.) começam a adquirir o PB com uma gramática default com apenas a terceira pessoa, da mesma forma que acontece com a criança quando da aquisição de sua língua materna (KATO, 1995).

Além disso, observando o comportamento do (FIt.) e do (FIn.) com relação às respostas curtas, podemos afirmar que eles estariam utilizando a GU, já que percorrem um caminho semelhante ao de uma criança adquirindo o PB como língua materna. Começam respondendo às perguntas sim/não usando a forma gramatical de terceira pessoa não-marcada, e só mais tarde mostrariam alternância de pessoa.

Assim, considerando o fato de que o PB não é uma língua de sujeito nulo do mesmo tipo do italiano, podemos afirmar que o (FIt.) já está produzindo o sujeito nulo do PB, que ainda usa sujeito nulo referencial em especial em contexto de respostas curtas, quando ele passa a apresentar flexão verbal para a primeira pessoa do singular, como visto nos exemplos (10 a 13). Após estar exposto aos dados do PB por algum tempo, o aprendiz vai reestruturar a gramática de sua L2 passando a apresentar a flexão verbal para mais de uma pessoa gramatical, o que mostra que ele, de alguma forma, teria acesso a opções presentes na GU.

Os dados da (FIn.) parecem sugerir que ela ainda se encontra na gramática do inglês, sua língua materna, já que o uso do pronome lexical é quase categórico, e que só passará para a gramática do PB no momento em que for capaz de usar, de forma produtiva, a forma de primeira pessoa verbal em respostas a perguntas feitas em terceira, o que deverá levar à alternância entre preenchimento/não preenchimento do sujeito, já que o

PB está perdendo o sujeito nulo lexical, conforme atestado em Duarte (1995).

Por outro lado, o fato de ela se comportar de modo semelhante à criança quando da aquisição da sua língua materna, no que se refere à forma não-marcada de terceira pessoa usada para a primeira pessoa do discurso nos faz acreditar que a (FIn.) está utilizando uma opção que encontra-se disponível na GU.

Por fim, com base nos dados aqui apresentados, esperamos ter podido demonstrar que o aprendiz de L2 de alguma forma tem acesso à GU, o que não significa, no entanto, que a língua previamente adquirida não tenha também o seu papel no processo de aquisição.

REFERÊNCIAS

- BLEY-VROMAN, R. What is the logical problem of foreign language learning? In: GASS, Suzan M. & SCHATER, Jacquelyn (eds). **Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition**. Cambridge University Press, 1989.
- CHOMSKY, N. Principles and Parameters in syntactic theory. In: HORNSTEIN, N., and LIGHFOOT, D., (eds). **Explanations in Linguistics**. New York: Longman, 1981.
- CHOMSKY, N. **Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding**. Cambridge: MIT Press, 1982.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: its nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. **Language and Problems of Knowledge: The Managua lectures**. Cambridge MA: MIT Press, 1988.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge MA: MIT Press, 1995.
- CLAHSEN, H. Parameterized grammatical theory and language acquisition: A study of the acquisition of verb placement and inflection by children and adults. In: FLYNN ,S., O'Neil, W. (Eds.) **Linguistic theory in second language acquisition**. Dordrecht: Kluwer, 1988, p.47-75.
- CLAHSEN, H. & MUYSKEN, P. How adult second language learning differs from child first language development. **Behavioral and Brain Sciences**. v.19, n.4, p. 721-723, 1996.
- DUARTE, M. E. A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro. [Tese de doutorado]. Unicamp, Campinas, 1995.

- EPSTEIN, S. D., FLYNN, S., MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: Theoretical and Experimental Issues in Contemporary Research. **Behavioral and Brain Sciences** v. 19, 1996, p. 677-758.
- EUBANK, L (ed.). **Point Counterpoint: Universal Grammar in the second language Language Acquisition and Language Disorders 3**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- FLYNN, S. **A parameter setting model of L2 acquisition**. Dordrecht: Reidel Publishing, 1987.
- KATO, M. Raízes não finitas na criança e a construção do sujeito. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v.29, 1995a , p 119-136.
- KATO, M. Sintaxe e aquisição na Teoria de Princípios e parâmetros. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 30, n. 4, 1995b, p. 57-73.
- KATO, M.; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em português, In: PASCHOA, M.S.S; CELANI, M.A.A. (Orgs.)**Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**, São Paulo: Educ ,1992, p 259-278.
- SCHACHTER, J. Testing a proposed universal. In: GASS, S., SCHACHTER, J. (Eds.) **Linguistic perspectives on second language acquisition**. Cambridge: Cambridge Applied Linguistics, 1989, p.73-88.
- SCHWARTZ, B.; SPROUSE, P. L2 cognitive states and Full Transfer / Full Access model. **Second Language Research**. v.12, n. 1, 1996, p. 40-72.
- VAINIKKA, A.; YOUNG-SCHOLTEN, M.: Gradual development of L2 phrase structure. In: **Second Language Research**. v. 12, n. 1, 1996, p. 7-39.
- WHITE, L. Is there a 'logical problem' of second language acquisition? In: **TESL Canada Journal/Revue TESL du Canada**. v.2, n. 2, 1985, p. 29-41.